

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



Cristiana Kehdi Gerab - crisgerab@gmail.com

O ANALISTA DECIFRADOR E A NEUROSE OBSESSIVA

Resumo: O texto aborda um recorte de caso clínico para trazer questões a respeito da posição do analista enquanto um decifrador ou interpretador, abrindo o impasse transferencial que decorre daí. Traz, a luz do estudo do seminário XI, a função da psicanálise como aquela que não se limita à interpretação, abordando conceitos que dizem respeito ao limite da linguagem, como o Real, o corte, a escansão, a autorização do analista, e o risco da sessão de análise, quando não tomada por essa perspectiva, transformar-se em um lugar de diálogo e expressão de pensamentos.

Palavras-chave: neurose obsessiva; pensamento; transferência; Real; formação do analista

São Paulo

2026

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



Cristiana Kehdi Gerab - crisgerab@gmail.com

THE DECODING ANALYST AND THE OBSESSIVE NEUROSIS

Resumo: The text looks at a clinical case to raise questions about the analyst's role as a decipherer or interpreter, opening up the transference impasse that stems from this. It highlights, in light of the study of Lacan's seminar XI, the function of psychoanalysis as one that isn't limited to interpretation, addressing concepts related to the limits of language, such as the Real, the cut, scansion, the analyst's authorization, and the risk of the analysis session, which, if not approached from this perspective, can turn into just a place for dialogue and expressing thoughts.

Key-words: obsessive neurosis; thoughts; transference; Real; analyst formation

São Paulo

2026

Durante um bom tempo de sua análise, G. trouxe repetidamente a experiência cotidiana que mais o angustiava: a esposa, após um desentendimento com ele, esbravejar e “fechar o tempo”. Era justamente essa expressão que ele usava: “eu fiz tal e comentário e aí....ela fechou o tempo”. Em suas tentativas de dar explicações a esses desgastantes desencontros amorosos, trazia diferentes hipóteses às sessões: “ela sempre teve uma educação rígida, a mãe sempre a criticou, por isso, tudo o que eu falo ela vê como crítica ou julgamento”. “Ela está vivendo muito stress no trabalho, o chefe dela é um tirano, ela traz o stress pra dentro de casa e desconta em mim e no nosso filho”. Em demasiadas tentativas de controle de sua própria incerteza, G. tentava se certificar de que aquilo “nada tinha a ver com ele”, ao mesmo tempo em que se punha, exaustivamente, a lidar com isso. “Vivo pisando em ovos, tentando controlar o que digo e como digo pra que ela não se ofenda”. G. reclamava de passar, às vezes, mais de dois dias lidando com seus aborrecimentos, em que ela fazia greves de silêncio, e tudo virava um jogo quase sádico: quem é que vai falar primeiro?

Pisar em ovos era uma espécie de mantra para G. Decodificar, ler o cenário, evitar incomodar, criando explicações que mais fomentavam suas dúvidas do que as mitigavam. Investia nessas estratégias que acabavam fracassando redundantemente: a raiva e a fúria, por fim, apareciam. Brigava com um colega da empresa que não fazia bem o trabalho, ou com o amigo competitivo que colocava metas maiores que as dele nos treinos de corrida. “Preciso cuidar do meu tom ” G. refletia. Escrevia e-mails e solicitava ao chefe que os lesse e aprovasse o envio, sempre duvidoso e preocupado com seu “tom”. Vai que ele fechasse o tempo com mais alguém? Justamente ele que trabalhava com consultoria, em que as relações com os clientes importam muito. Apesar de extremamente demandado por uma lógica de lucro que exigia dele capacidade de “agradar” o cliente, G. tinha certeza de que fracassava nisso: gostava da sinceridade, da qualidade das relações, e ali gostaria sim de dizer o que pensava, mesmo que causasse incômodo. Enfim, seu processo de análise apontava para onde paira sua divisão: entre o obediente e o que causa incômodo, G. sofria.

Fechar o tempo sempre foi o maior desafio na análise com G. Em sessões em que se atrasava, mandava mensagens perguntando se ainda valia a pena ir (jogando a decisão a analista) e chegava dizendo: me desculpe, já cheguei para a sessão da semana que vem! Nessa evitação do momento de concluir, a analista se via numa espécie de continuísmo sem corte, muitas vezes contaminada pela sede de G. em “decifrar” o Outro. Via-se, transferencialmente, transitando entre a analista em busca

do momento de corte (abrir o tempo lógico, afinal) e a analista que escuta e abre um campo associativo e decifrador.

No seminário XI, Lacan fala de Freud em sua sede de verdade: em sua acepção do inconsciente, buscava decifrar a certeza que ali se encontrava, o indestrutível. “ *O que quer que seja, é preciso chegar lá*” (Lacan, p.40). Análogo a Descartes, Freud parte do fundamento de que há algo certo e que, sob disfarce, precisa ser decifrado. A interpretação, na clínica freudiana, é a maneira de devolver ao analisando a verdade que ele não pode ver. No caso do Homem dos Ratos, Freud (1909) considera que o excesso de pensamento, assim como a ideia obsessiva, a compulsão e a dúvida, remetem a situações patogênicas vividas na infância, tais como: a repressão do impulso epistemofílico (instinto sexual de ver e conhecer), a supressão do ódio, a dúvida sobre o próprio amor ou uma inibição decorrente de um conflito entre instinto e repressão. Dessa maneira, o sintoma obsessivo é como um texto cifrado:

“ (...) a experiência mostra que uma ordem obsessiva (ou seja lá o que for) conhecida na vida desperta apenas de forma truncada e deformada, como uma mensagem telegráfica mutilada, pode ter o seu texto real esclarecido em um sonho. Tais textos aparecem, nos sonhos, em forma de conversas e constituem, pois, uma exceção à regra de que diálogos, em sonhos, derivam de conversas na vida real”. (p.195)

A partir deste trecho de Freud, poderíamos pensar que a propensão à situação de um diálogo, de uma confrontação de “pensamentos”, na sessão, deva ser manejada pelo analista como um sonho - cuja situação patogênica se possa encontrar na origem de tudo. Na lição 3 do seminário XI, Lacan evidencia a contradição de Freud: o sujeito da certeza não existe quando falamos de inconsciente. A partir do pensamento cartesiano é que ele se interroga e reconhece aquilo que é inapreensível: “isso pensa antes de entrar na certeza”(...)um pensamento adequado enquanto pensamento, no nível em que estamos, evita sempre - ainda que para se reencontrar em tudo - a mesma coisa. O real é aqui o que retorna sempre ao mesmo lugar (...) Toda a história da descoberta por Freud da repetição como função só se define com mostrar assim a relação do pensamento com o Real (p.55). Como reconhecer a existência disso que pensa sem ser autor de pensamentos?

Antes disso, na lição 2 desse mesmo seminário, Lacan vem nos dizer que o inconsciente não é mais suscetível à interpretação do recalcado. Nesse sentido, em

se tratando da análise de um obsessivo, em que a fala do paciente aponta para a “coerência” expressada através do pensamento, que efeitos causaria a postura decifradora do analista? G. insistia em provar seus pontos de vista, clamando reconhecimento por tudo o que fazia pelo Outro, tudo o que fazia para ser a rolha que completa o Outro. Mas era nítido que a postura interpretativa da analista parecia trazer o efeito em G. de uma postura ainda mais explicativa, mais reivindicativa. “Você não está entendendo”, dizia. Demandava que a analista compreendesse seu ponto de vista e se incomodava com qualquer desvio da analista em relação a isso.

Em uma sessão, G. conta sobre uma situação com o filho pequeno: durante todo o domingo, ele se esforçava em educá-lo, antecipando-se em suas falas e tentando evitar (sem sombra alguma de sucesso) o imprevisto: “filho, se você gritar de novo daquele jeito, vai ficar de castigo” “filho, se você jogar mais uma vez esse brinquedo no chão, vamos subir e você perde o direito de brincar no parquinho”. “Filho, vou deixar seu leite com nescau pronto pra você não derrubar de novo”. O que se passava, no entanto, nessas cenas que se repetiam, era o filho, sempre, acabar desobedecendo G. Em suas tentativas de controle, G. o convidava à desobediência. Complicava-se cada vez mais em sua tentativa de ser coerente com as suas próprias exigências: o pai zeloso e rígido, o marido que não pode incomodar, o funcionário dedicado que, como um bom obsessivo, entregava sua mão de obra à demanda do Outro. “Se eu digo uma coisa, preciso ser coerente”. A palavra do obsessivo se ergue como um muro que o cega para sua ambiguidade.

O tema desta jornada, o analista (en)cena, leva-me a pensar no que configura o limite da linguagem dentro da relação transferencial. Diante da postura de interpelação e deciframento da analista : “G., porque você se ocupa tanto em satisfazer?”, ou, “G, porque será que você precisa ser mais ocupado com a coerência do que com escutar o que se passa com seu filho?” , ele se defendia e se explicava, muitas vezes com raiva. A analista, sem perceber, acabava produzindo uma situação em que G. se sentia “acusado”. Foi se dando conta do impasse que vivia na análise com G. A transferência, afinal, estava colocada com toda a sua força. “Lá está o real que comanda, mais do que qualquer outra coisa, nossas atividades, e é a psicanálise que o designa para nós” (Lacan, p.65)

“Se a interpretação do reprimido nem sempre faz desaparecer o sintoma, este está enraizado em algo de uma natureza distinta que a do significante” (Maleval, p.89) Nenhuma linguagem permite articular toda a verdade. A transferência, afinal, é o que

nos traz ao impacto do acontecimento. E diante desse acontecimento, nem analisando e nem analista tem nenhuma garantia. Ele será sempre inédito. De que se trata, afinal, a repetição que se dá na transferência? Do real irreduzível a qualquer significante ou da resistência à elaboração? (e aí se inclui a resistência da própria analista).

Surgiu, enfim, um significante à analista: a bronca. E esse significante surgiu enquanto a analista falava de G. em sua própria análise. Porque ele toma o que diz a analista como broncas? Será que, em algum lugar, está sendo levada transferencialmente a repreendê-lo, de modo que esse “tom” (imperativo) se faça notar nas palavras que lhe devolve? Algo da relação da analista com o significante bronca se abre, enfim, algo que passava até então despercebido. Uma mãe desqualificadora e repreensiva tomou figurabilidade na análise da analista, o que teve um efeito sobre o manejo transferencial com G. É lá, afinal, que é preciso chegar com G.? Neste significante que possa enfim ser tomado em alteridade à analista, a mãe exigente, já que ainda silencioso e não falado por G.

Aquilo que se repete é o Real. Aquilo que retorna ao mesmo lugar. Seria importante pensar que, no manejo da transferência, algo do Real que está também para o analista compareceu a sessão? Depois de formular essa pergunta, deparei-me com um vídeo no youtube da jornada sobre supervisão, ocorrida no Instituto Vox em 2019, em que Conrado Ramos levanta um dos pontos a respeito da situação de supervisão: “que este seja um lugar para forçar que algo do Real da clínica advenha a um dizer, um espaço para que aquilo que escapa à escuta, ou não caiba na palavra, seja traduzido em algum esforço de formalização”. Esta é a aposta ética de um supervisor, que é aquele que “entra” para ver de fora. Lembro-me de Mauro, em comunicação oral, dizer que a angústia do analista (o que a teria levado a falar do atendimento em sua própria análise) está relacionada aos ideais de felicidade do próprio analista, o que o impediram de ir mais além daquela palavra dita pelo analisando. A análise do analista, nesse sentido, permite que este se desvencilhe da condição de identificação. Não à toa, é um dos alicerces mais importantes de sua formação. Mais do que isso, a análise do analista é que o leva a autorizar-se de si mesmo. Como nos diz Didier-Weill (1976)

“O que é introduzido pelo sujeito do inconsciente? A possibilidade de um discurso terceiro, em suplência a dois discursos, um único discurso, porém dividido. Como criar condições por meio das quais o tal “sujeito de exceção” consiga falar? Talvez a dificuldade pareça intransponível, pois se o sujeito do inconsciente não pode,

por definição, falar se for autorizado a isso, só pode, portanto, autorizar- se ele próprio a **fazê-lo**.” Didier-Weill está aqui se referindo ao sujeito de exceção a partir do que ele problematiza a respeito da instituição de psicanálise enquanto aquela que existiria para “autorizar” um analista a falar “em nome de” Freud ou Lacan. Mas o sujeito do inconsciente, como bem nos lembra o autor, é o verdadeiro sujeito de exceção (na medida em que é a partir dele que nos autorizamos a ser analistas). Ele está referido à capacidade metafórica e inventiva do analista que, muitas vezes, “a experiência evidencia que um analisando pode se mostrar capaz de reinventar a psicanálise quando trabalha no divã, e em contrapartida, vê-se desprovido dessa atitude metafórica quando levado a falar em público na instituição”, o que o autor vai articular ao fato da teoria operar superegoicamente sobre o analista.

E será a análise pessoal que nos permite, enfim, poder pronunciar a palavra que introduz o corte na sessão?

É justamente diante desse Real que o manejo da transferência se faz, com Lacan, a partir do que ele chama de corte ou de escansão. Didier-Weill, no mesmo texto, em que conta a historietta do casamenteiro fazendo-lhe analogia ao analista, explica: “o enigma dessa historietta se atém ao seguinte: há uma palavra que põe um ponto final, uma palavra enunciada pelo casamenteiro que põe fim, de uma vez por todas, a um diálogo que poderia durar indefinidamente. O que é essa palavra que tem tal poder de interrupção? Trata-se do que Lacan chamou de escansão; a esse respeito, podemos considerar o desenrolar dessa historietta como o desenrolar de uma sessão analítica pontuada não pelo relógio, mas por uma palavra do analista que faz um corte, e que nessa historietta desencadeia o riso”¹.

“A palavra final acerta na mosca porque faz passar o desejo inconsciente de reconhecer que mais além da demanda insistente do demandante existe uma outra coisa”. No caso de G., algo que diz respeito a este Outro a quem dirige sua efetividade e, ao mesmo tempo, sua insistência em incomodar. Ao mesmo tempo, há a preocupação da analista em sustentar a transferência, o que implica em poder aguardar: aguardar o tropeço, a fenda inconsciente se abrir. Se na neurose obsessiva,

¹ A história é a seguinte: o casamenteiro e o demandante fazem uma visita à casa da bela, dotada, supostamente, de todas os atributos desejáveis. Quando ela abre a porta, que horror, é uma anã! “Isso não é grave”, diz o casamenteiro, “será mais barato vesti-la”. “Mas, casamenteiro, ela é corcunda!”, acrescenta o demandante. “Ora, os outros homens não olharão para ela”, devolve o primeiro. Desesperado, o demandante insiste: “Mas ela também é caolha!”, e o casamenteiro arremata: “Pode falar mais alto, pois ela também é surda”

questões superegóicas são proeminentes no tratamento, assim como o risco do paciente se identificar ao dejetivo, à escória - poder escutar que o paciente fale de seu orgulho de “pisar em ovos” ou de se antecipar aos imprevistos nutrindo em si uma imagem de “eficiência” é fundamental. Entre o silêncio e as confusões em torno da figura da analista-mãe exigente (de onde a analista não poderia se furtar tão cedo), o pensamento nunca antes pensado veio, enfim, do próprio G.: “quer dizer que eu estou pagando pela minha própria eficiência”?

As sessões se seguiram. O significante bronca foi sublinhado na sessão pela analista, quando ele falava do seu incômodo com uma professora de quem o filho não gostava por ser muito brava. “Você se incomoda que ele leve bronca dessa professora?”. E chamar a atenção à esse significante foi uma confluência entre o tom da transferência, a análise da analista e a associação livre de G. Quantas forças são necessárias para que a análise caminhe! Foi interessante notar como a introdução desse significante que ainda não tinha sido falado abriu espaço para que sua relação com uma mãe, professora, violenta, que lhe arremessava objetos quando ia mal na escola, aparecesse. Um gozo que parecia morar na experiência de ser repreendido. Uma mãe a quem ele, aparentemente, tenta desculpar - mais uma vez na direção de decifrá-la e compreendê-la. Em nome de quê? Teríamos abrido, afinal, o tempo de compreensão que não se assemelha à antiga compulsão a decifrar e compreender? Teríamos podido nos aproximar do que tão lindamente Didier-Weill chama, em seu texto, não de ato de conhecimento, mas de reconhecimento do sujeito do inconsciente?

Vale terminar dizendo que durante a escrita desse texto, que se iniciou por um relato de caso e aproximação de um impasse, fui movida por uma primeira vontade de trazer respostas certas à clínica, mesmo sabendo que elas não existem. Se não há protocolos de garantia de uma “psicanálise correta”, transmitir esse escrito a vocês fala mais de uma vontade de tomar uma distância do caso e desassossegá-los em relação ao fato de que ainda há algo desconhecido por vir.

REFERÊNCIAS

Didier-Weill, A. A questão da formação do psicanalista para Lacan. In: Lacan e a formação do psicanalista. In: Revue Internationale d' Histoire de la Psychanalyse 2. Paris, PUF. Tradução Leila Longo. Revisão Marco Antonio Coutinho Jorge. 1989

Freud, S. (1909). Observações sobre um caso de neurose obsessiva. In: Obras completas, vol. 9. São Paulo: Companhia das Letras. 2013.

Lacan, J. (1964) O seminário. Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar. 1985

Maleval, J.C. La forclusion del nombre del padre. Ela concepto e su clínica. Buenos Aires: Paidós. 2002.

Ramos, C. Comunicação oral. In: [26/10/2019 Jornada sobre supervisão do Instituto Vox - Parte 2 - YouTube](#)